

## SIMPÓSIO AT194 - ESTUDOS LEXICAIS AS LENDAS DA FLORESTA CONTADAS POR SERINGUEIROS ACREANOS

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de  
Universidade Federal do Acre  
marciavestrela@gmail.com

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de  
Universidade Federal de Minas Gerais  
candidaseabra@gmail.com

**Resumo:** *As lendas da floresta contadas por seringueiros acreanos* objetiva resgatar estórias das entidades da floresta amazônica a fim de disponibilizar aos professores das redes estadual e municipal de ensino e à clientela estudantil, em geral, narrativas próprias da região amazônica contadas *in locu* por seringueiros e seringueiras acreanas que nunca saíram do seringal, que viveram ou ouviram contar (o que é mais comum). Tem como base teórica os pressupostos da Dialetoлогия, Sociolinguística, da Antropologia Linguística e da Linguística de texto. O *corpus* compõe-se de cinquenta e oito lendas publicadas por Macêdo e Macêdo Sousa (2007) e coletadas nas regiões dos Vales do Acre, Purus e Juruá nos idos de 1990. O método lexicográfico foi utilizado para a elaboração de um mini glossário composto 135 lexias cujo modelo de verbete é de Macêdo (2012) e a linguística de texto para a transformação das entrevistas em pequenas lendas. O resultado, além do mini glossário, foi a produção de 58 estórias das entidades da floresta amazônica, compostas por: Caboclinho da Mata, Caipora, Mãe d'Água, Mãe da Mata, Mãe da Seringueira e Mapinguari. As estórias lendárias são um resgate à memória do povo acreano que tanto sofrem às peculiaridades dos seringais, das colocações, dos longínquos lugares que habitam, muitas vezes sem lazer, educação e condições de saúde adequadas. A experiência é única pelo fato de os informantes acreditam em seres imaginários que lhes dão o dom da oralidade podem compartilhar de suas vivências e resgatar as lendas próprias da Amazônia.

**Palavras chave:** Dialetoлогия; Estória. Lendas; Narrativas.

THE FOREST LEGENDS TOLD BY RUBBER TAPPERS FROM  
ACRE

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de  
Universidad Federal de l' Acre  
marciavestrela@gmail.com

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de  
Universidad Federal de Minas Gerais  
candidaseabra@gmail.com

**Abstract:** The forest legends told by amazon rubber tappers are intended to rescue stories from the amazon jungle entities in order to make available for both state and city hall teachers as well as students in general, typical narratives of the amazon region told *in locus* by male and female rubber tappers who never left the rubber tapping villages, but lived this experience or heard about them (which is more common). Its theoretical basis is the presuppositions of Dialectology, Sociolinguistics, Linguistic Anthropology and Text Linguistics. The *corpus* is composed of fifty-eight legends published by Macêdo and Macêdo Sousa (2007) and collected around the regions of Acre Valleys, Purus and Juruá in the 1990s. The lexicographic method was used for the elaboration of a mini glossary composed of 135 lexias whose entry model is Macêdo (2012) and the text linguistics for turning the interviews into small legends. The result, besides the mini glossary, were fifty-eight stories about the amazonian forest entities, composed of: *Caboclinho da Mata*, *Caipora*, *Mãe d'Água*, *Mãe da Mata*, *Mãe da Seringueira e Mapinguari*. These legendary stories are a type of rescue to the memory of Acre people, who suffer so much from hardships and the peculiarities in the rubber tapping plantation villages, the settlements, the distant places they inhabit, often without leisure, education and manly adequate health conditions. The experience is unique because the informants believe in imaginary beings who give them the gift of orality and they can share their experiences and rescue these amazon legends.

**Keywords:** Dialectology. Glossary. Legends. Narratives.

## Introdução

O interesse em estudar a variante brasileira da língua portuguesa, sobretudo em sua modalidade falada, é uma preocupação antiga dos dialetólogos entre os quais destaca-se Amadeu Amaral, com o *Dialeto Caipira*, publicado em 1920, o qual fez a primeira tentativa de descrever um falar regional no qual demonstra que tão importante quanto a coleta dos dados, para análise e posterior fixação das características de um falar, em via de extinção, é a consciência de que só o surgimento dos resultados de outras pesquisas, sérias e imparciais, possibilitariam a comparação entre as variantes regionais, para a definição de um dialeto brasileiro. Amaral ressalta que:

Um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertences a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou de outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, quantos e quais os subdialeto, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio gráfico de cada um. (AMARAL, 1920, p. 15)

O presente estudo *As lendas da floresta contadas por seringueiros acreanos* toma como premissa a afirmação de Alvar (1979, p.31) de que “O estudo de uma língua não se esgota na investigação de seus aspectos estruturais, transcendendo o plano da frase atingindo o universo da língua como instrumento de comunicação que se consubstancia no discurso”.

O estudo do léxico extrativista - uma atividade tradicional muito antiga e muito importante no Estado do Acre, além de um meio de sobrevivência para a população da floresta é uma das suas principais fontes de renda e de sustento. O registro de seu léxico e das estórias orais contadas pelos habitantes da floresta como os seringueiros e seringueiras acreanos representa um verdadeiro resgate cultural por ser uma fonte rica de saberes populares.

Descrever ou resgatar lexias seja dos instrumentos de trabalho do seringueiro, das ervas medicinais utilizadas nas curas das doenças, bem como a descrição das entidades da floresta, através da estórias orais dessas pessoas como Mapinguari, Mãe da Mata, Mãe da Seringueira, Mãe d' água, Caipora e Caboquinho da Mata é um registro precioso que só a pesquisa de campo de cunho dialetal pode proporcionar.

Baseada nos conhecimentos empíricos e passados de geração a geração, essa atividade mantém características específicas no processo produtivo com o látex, com marcas culturais relevantes, mas que precisam ser descritas e registradas em verbetes, seja no seu léxico e/ou através das histórias contadas de pais para filhos, tudo isso precisa ser preservado.

Do ponto de vista histórico a economia acreana baseou-se no extrativismo que foi o grande responsável pelo povoamento da região quando da *leva* de cearenses em busca do “ouro preto” no Estado do Acre. Até 1903, essa região foi disputada pelo Brasil, Bolívia e Peru, quando então o Brasil comprou-a dos bolivianos por dois milhões de libras esterlinas. Daí o Estado passou a ser território brasileiro, mas só foi elevado à categoria de um estado em 1962. Além

disso, parte dele é formada por mata intocável, protegida principalmente pelo estabelecimento de florestas de proteção integral, reservas indígenas e reservas extrativistas.

Esta pesquisa fez um levantamento das características discursivas do gênero *lenda* a partir do estudo do léxico do seringueiro acreano, resultantes da pesquisa de campo nas áreas da Dialetologia, Sociolinguística, Linguística de Texto, Lexicologia e Lexicografia realizadas pela autora e sua irmã quando integraram o Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC e atuaram como bolsistas de aperfeiçoamento científico e iniciação científica, respectivamente, na década de 1990 na Universidade Federal do Acre.

Neste trabalho, servirão de índices identificadores da linguagem do seringueiro acreano os seguintes aspectos: a) a região da qual se origina; b) o grupo social do qual faz parte (seu grau de instrução, faixa etária, nível socioeconômico, atividade profissional); c) a situação (formal ou informal) em que se encontra.

Nesse sentido, busca-se registrar essas histórias coletadas ao longo de quase uma década com o intuito de contribuir com um resgate linguístico e cultural dessa comunidade que trabalhou na atividade extrativista, uma vez que se faz necessário o registro das estórias orais e lendárias para que, no futuro, demonstrem as crenças dos “heróis da borracha” e espelhe o modo de vida desses homens no interior da floresta amazônica.

## 2. Metodologia do estudo

A metodologia foi a pesquisa de campo com entrevistas que visavam a coleta de dados para o Atlas Linguístico da atividade extrativista no Acre e envolviam vários campos semânticos, *desde o Seringueiro e a família, o Seringueiro e a atividade produtiva*, culminando com a última parte do questionário semântico lexical que era o *Seringueiro e as Lendas*, nosso interesse neste artigo. Neste estudo, denominamos as lendas de “entidades da floresta”.

Tais entrevistas do tipo Discurso Indireto Livre ocorreram junto aos seringais, portos e municípios demarcados para a pesquisa nas áreas dos Vales do Acre, Juruá e Purus, ora de dia ora à noite, entrando pela madrugada, dependia-se muito do horário disponível do entrevistado. Além disso, as

pesquisadoras passavam de 4 a 5 dias em cada localidade, uma vez que o trabalho era árduo e sem intervalos, sobretudo pelo fato dos gastos com transporte, alimentação e os perigos de se pegar malária, hepatite ou outras doenças tropicais.

Após as entrevistas gravadas, ainda, em cassetes, as pesquisadoras retornavam ao *campus* da UFAC e faziam as transcrições grafemáticas (critérios delimitados pelo Projeto CEDAC) das entrevistas em papel almaço, que depois de revisadas, eram digitadas.

Para a feitura do livro das lendas foram selecionadas mais de 300 entrevistas de homens e mulheres, seringueiros e seringueiras acreanos, nas faixas etárias: de 15 a 25 anos, de 26 a 36 anos e de 37 até 80 anos. Tentou-se, a partir dos relatos orais, homogeneizar os textos, em relação aos aspectos linguísticos de coerência, coesão, bem como realizar a adequação às normas gramaticais, considerando que seria um material didático a ser manuseado por alunos e professores e disponibilizados às escolas como realmente aconteceu após a publicação.

Após a coleta, a transcrição e a publicação das lendas (2007), fez-se para esse trabalho, uma consulta aos dicionários: Houaiss eletrônico (2019) e Camara Cascudo (2001) e elaborou-se a descrição física e psicológica das entidades com base nos textos lidos. Enfatiza-se que os pressupostos teóricos utilizados foram da Dialetologia, Lexicografia, Lexicologia e Linguística Textual.

### 3. Resultados

Os resultados alcançados após a transcrição, digitação, organização dos textos e arrolamentos das lexias e análises do corpus foram: a) publicação do livro “As lendas da floresta contadas por seringueiros e seringueiras acreanos” de (MACÊDO e MACÊDO SOUSA, 2007), com a produção de 58 textos; b) organização de um mini glossário com 135 itens lexicais apresentados num evento da SBPC (2010); c) ministração do mini curso *As lendas da floresta: entidades femininas* (4h), na III JORNADA DE ESTUDOS DE GÊNERO: Pluralidade de Vozes, Etnias e Gerações, na UFAC, 2012; d) apresentação de uma comunicação oral na III JORNADA DE ESTUDOS DE GÊNERO com dados parciais da pesquisa, apresentando as *Entidades da floresta: descrição física e psicológica*, na UFAC, 2012 .

O livro que reúne cinquenta e oito histórias das seis entidades da floresta amazônica: *Caboclinho da Mata*, *Caipora*, *Mãe d'Água*, *Mãe da Mata*, *Mãe da Seringueira* e *Mapinguari* e que originou os demais textos, é o *corpus* que norteia esta pesquisa e, através do qual, expomos um quadro resumido dessas entidades com as características, descrição física e alguns contextos:

Entidade/ Lendas	Características	Descrição Física	Contexto
<b>Caboclinho da Mata</b>	s.m. Entidade da floresta, protetora dos animais que assusta os caçadores quando estes estão caçando e maltratando os animais. <b>Varição:</b> <i>Caboquinho</i>	Entidade pequena, tipo um menino, é cabeludo e muito ágil que monta num queixada.	“O Caboquinho da Mata açoita os cachorros e encanta qualquer pessoa”.
<b>Caipora</b>	s.m. Um outro nome dado ao Caboclinho da Mata. Entidade fantástica da mitologia e que é associada às matas e florestas e aos animais de caça, dele se dizendo que aterroriza as pessoas e é capaz de trazer má sorte e mesmo causar a morte. <b>Varição:</b> Caboquim.	É o mesmo caboclinho da mata.	”Diz que tem a “Caipora” e tem o “Caboquim”, que são dois chefes, dois dono dos animais”.
<b>Mãe d'Água</b>	s.f. Entidade protetora das águas.	Entidade bonita, de cabelos longos, vive nos rios e protege as águas.	”A “Mãe d'Água” aparece às seis horas da tarde”. (p.39) ”Eu já vi a Mãe d'Água “fazendo arte”.
<b>Mãe da Mata</b>	s.f. Entidade lendária temida por seringueiros. Protetora das matas que amedronta e castiga os que maltratam a floresta. <b>Varição:</b> Mãe da Floresta	Entidade temida pelos seringueiros que maltratam as árvores.	”A Mãe d'Água” protege a caça junto com o “Pai da Mata”. Ela domina as caças grandes, faz um trato e desmancha a hora que bem quer”.

<b>Mãe da Seringueira</b>	s.f. Entidade protetora das árvores de seringa. <b>Variação:</b> Mãe da Seringa	Entidade velhinha que tem as pernas toda arranhada como fazem nos cortes da seringa.	“A mãe da Seringueira é uma velha barriguda, feia, de cabelos longos. Suas pernas são todas retalhadas, como ficam as árvores, com o uso”.
<b>Mapinguari</b>	s.m. Gigante lendário de formas semelhantes às do homem, o qual persegue para devorar especialmente a cabeça, e contra o qual o protegem seus grandes pelos espalhados por todo o corpo como um escudo impenetrável Entidade da floresta mais temida de todas. <b>Variação:</b> Mão de Pilão	Entidade alta, feia, sem juntas, tem um olho na testa e um buraco no umbigo que exala um odor que enfeitiça.	“O Mapinguari, de todos, é o mais assustador. Não tem as juntas e costuma comer as pessoas. É um bicho, uma fera”.

**Quadro 1:** Entidades da Floresta, denominação, características, descrição, contexto.  
**Autoria:** MACÊDO, 2019.

De acordo com os relatos concluiu-se que o *Caipora* e o *Caboclinho-da-Mata* são a mesma entidade. O nome varia de região para região, dentro do universo amazônico. Ele é chamado Caipora nos seringais e castanhais do Pará. No Acre, é “Caboquinho” mesmo. Por outro lado, segundo Câmara Cascudo, a *Mãe da seringueira* é um fantasma amazônico, protetor da seringueira

Com a coleta dos dados obteve-se um total de 135 *lexias significativas*. Em relação à classificação das *lexias* temos simples (Caboclinho), compostas (deu fé, mete peia) e complexas (mãe da mata, dar uma pisa) na classificação de Pottier (1974) e percebeu-se que a maioria parte está dicionarizada, mas algumas com acepções diferenciadas.

Inicialmente, os resultados demonstram que das seis entidades estudadas a do *Caboclinho da Mata* é a mais representativa com 23 ocorrências, sendo 10 na faixa 1 (15 a 5 anos), seguida de 09 na faixa 2 (26 a 35 anos) e 04 na faixa 3 (36 a 80 anos).

Em segundo temos a *Mãe da Seringueira* com 14 estórias contadas, sendo 5 na faixa 1, 2 na faixa 2 e 7 na faixa 3. Em terceiro, tem-se o *Mapinguari* com 13 ocorrências, com 4 na faixa 1, 4 na faixa 2 e 5 na faixa 3. As entidades *Caipora* e *Mãe d' Água* têm três ocorrências cada, sendo uma em cada faixa-etária. Por fim, a *Mãe-da-Mata* teve apenas duas estórias narradas, uma na faixa 2 e uma na faixa 2 e nenhuma na faixa 1.

### Considerações Finais

O léxico de uma língua é o conjunto de palavras criadas e assimiladas pelo homem que o utiliza para interagir com a sociedade. É através dele que se evidenciam características próprias dos falantes, de suas características e de sua história. Esta pesquisa tem uma relevância enorme, haja vista os poucos trabalhos escritos sobre o tema na região, com destaque para as estórias registradas pelo saudoso escritor Hélio Melo. Nesse sentido, é necessário o registro das estórias orais e lendárias que demonstrem as crenças dos “heróis da borracha” e espelhe o modo de vida desses homens no interior da floresta amazônica e representem um resgate à memória do povo acreano, dos seringueiros que acreditam em seres imaginários que lhes dão o dom da oralidade e o gosto por compartilhar de suas vivências nos seringais.

### Referências

- ALVAR, Manuel. *Idioma, dialeto e outros assuntos relacionados*. LEA: Atual Linguística de Espanhol, Vol. 1, No. 1, 1979, p. 5-30.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC/Brasília: INL, 1920.
- CAMARA CASCUDO, Luís. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, São Paulo: global, 2000.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico*, 2019.
- MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012, 460 f.
- MACEDO SOUSA, Márcia Verônica R. de; MACÊDO, Meyrelene Ramos de. *As lendas da floresta contadas por seringueiros e seringueiras acreanos*. Rio Branco: Printac, 2007.